

# ARTE AFRO-BRASILEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MEDIANDO CULTURA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

## AUTHORSHIP

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi 

Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP). Mestre em Educação com opção em Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Doutora em Educação com opção em Psicologia e Educação pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Professora do Magistério Superior.

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-6978-864X>

**E-mail:** [lucialombardi@ufscar.br](mailto:lucialombardi@ufscar.br)

Paula Bologna 

Pedagoga formada pela Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-4700-9558>

**E-mail:** [bolognapaula5662@gmail.com](mailto:bolognapaula5662@gmail.com)

**Recebido em:**  
2020-12-10

**Aprovado em:**  
2021-01-15

**DOI:** <https://doi.org/10.24115/S2675-955120211124p.72-83>

## INTRODUÇÃO

Pensar sobre o fazer pedagógico com crianças pequenas significa levar em conta diversos entrecruzamentos de teorias, ações, valores e saberes, dentre os quais, a diversidade da cultura africana e afro-brasileira. O artigo debate sobre práticas pedagógicas com as artes afro-brasileiras na Educação Infantil partindo do princípio de que, diante da herança histórica de concepção de projetos político-pedagógicos compostos por referências culturais marcadamente brancas, hoje as culturas negras e as produções artísticas afrodescendentes são reconhecidas como importantes contribuições na construção identitária do povo brasileiro e, por esta razão, como temas que devem fazer parte das propostas pedagógicas das instituições educativas. Sendo fundamental estabelecer relações entre o que é ofertado às crianças em termos de vivências no cotidiano escolar e suas demandas pessoais, familiares e comunitárias, aquilo que é vivenciado na escola deve possibilitar a participação e recriação pelas crianças, fazer sentido para elas, de forma prazerosa, instigante e contextualizada. Isso significa acolher demandas infantis que passam por suas realidades de classe, de gênero, de religião e das raças e etnias formadoras de nossa sociedade.

Na Educação Infantil, o desenvolvimento de práticas pedagógicas que reconheçam, respeitem e valorizem as culturas africana, afro-brasileira e indígena, pode contribuir com a educação das relações étnico-raciais e o combate ao racismo.<sup>1</sup> Para isso acontecer, o planejamento e realização das práticas deve ter a criança pequena como centro da proposta, respeitando seu modo singular, poético, curioso e brincante de ser e estar no mundo. Isso significa mediar experiências de conhecimento e apreciação de expressões artísticas africanas e afrodescendentes por meio do jogo, do movimento, da musicalidade, das brincadeiras de roda, das danças, da apreciação de obras visuais, histórias e contos, dos fazeres com desenho, colagem, pintura, planejando cuidadosamente os objetivos em adequação às faixas etárias, as materialidades, os espaços da escola.

Pretendendo que projetos com essas artes sejam tecidos no cotidiano da Educação Infantil, por meio do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE), empreendemos esforços para colocar em prática no campo da formação de professores/as a integração entre ensino, pesquisa e extensão universitária, dedicando especial atenção ao tema da arte afro-brasileira e da corporeidade negra, principalmente a partir do ano de 2016. Essa instância coletiva acolhe constante reflexão sobre a formação de pedagogos/as nas disciplinas relativas às artes e à educação do corpo no curso de licenciatura, garantindo-lhes estudos sobre as culturas afro-brasileira, africana e indígena, conteúdos propostos pelas Leis nº. 10.639/03 (BRASIL, 2003) e nº. 11.645/08 (BRASIL, 2008).

Além da dimensão do ensino, observamos a importância de existirem outros espaços voltados à formação de professores/as de Educação Infantil e, em função disso, dentre as atividades de extensão, promovemos um evento denominado "Simpósio de Arte Afro-brasileira da UFSCar *campus* Sorocaba", que teve três edições até o momento da publicação deste artigo,

<sup>1</sup> A lei nº 11.645/08 estabelece a obrigatoriedade de inclusão no currículo oficial da rede de ensino brasileira a temática da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Este artigo enfoca os estudos das artes afro-brasileiras, não tratando da desigualdade em relação às artes indígenas, que também sofrem injustiça e exclusão.

e dá continuidade às iniciativas de formação cultural e artística ofertadas pelo GIAPE a membros da comunidade acadêmica e à população local.

Este artigo também nasce inspirado pela pesquisa empreendida por Paula Bologna (2019) nas modalidades de Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso durante os anos de 2018 e 2019, como estudante do curso de Pedagogia e membro do grupo de pesquisa. As análises resultantes das observações nessas três dimensões – ensino, pesquisa e extensão – que, apesar de diversas, se relacionam, indicam a existência de processos racistas que contribuem com a carência de aportes afro-brasileiros e africanos nos espaços da Educação Infantil e propõem a realização de fazeres artísticos que construam uma educação de crianças comprometida com o rompimento de relações de dominação racial.

## **NOSSOS LUGARES DE FALA: SE QUISERES COMPREENDER-ME VEM DEBRUÇAR-TE SOBRE A MINHA ALMA DE ÁFRICA**

“Eu não nasci na África, mas a África nasceu em mim”. Assim escutamos dizer Beloní Cacique Braga, professora da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA-UFU), no dia 18 de novembro de 2019, quando ofertou o curso de extensão denominado “África na Escola”. A convite do GIAPE, Beloní viajou até a cidade de Sorocaba, S.P., a fim de compartilhar seus conhecimentos construídos nas vivências dos anos em que morou em Mali, país situado na África Ocidental. O curso, realizado dentro de uma creche, pensando de forma particular na formação continuada de profissionais da Educação Infantil, atendeu a 53 educadores/as de três Centros de Educação Infantil (CEIs) – CEI 41 Antonio Fratti, CEI 64 Joana Simon Sola, CEI 74 Profª Maria de Castro Affonso Marins –, membros do GIAPE e da Comissão de relações étnico-raciais da Prefeitura de Sorocaba.

Impactadas pela frase com a qual Beloni iniciou a formação, identificamos nossos lugares de fala de modo semelhante ao que faz Carreira (2018): somos mulheres brancas, professoras, e pesquisadoras compromissadas com a educação da primeira infância, que buscam se construir como sujeitos antirracistas. Essa pesquisadora propõe a necessidade de maior engajamento de pessoas brancas na luta antirracista de forma que, ao mesmo tempo em que o lugar dos movimentos negros e indígenas são afirmados como protagonistas históricos da luta antirracista, se coloque em xeque a perspectiva de que o racismo é um problema somente dos grupos sociais discriminados. De fato, a autora afirma que pessoas brancas devem assumir responsabilidade na transformação das relações raciais e no enfrentamento do racismo, compreendido por ela como:

[...] fenômeno que desumaniza, que nega a dignidade a pessoas e a grupos sociais com base na cor da pele, no cabelo, em outras características físicas ou da origem regional ou cultural. Fenômeno que se ancora em crenças, valores e ações e que sistematiza, perpetua, se renova continuamente e marca estruturalmente a distribuição desigual de acesso a oportunidades, a recursos, a informações, a atenção e a poder no cotidiano, na sociedade, nas instituições e nas políticas de Estado. (CARREIRA, 2018, p. 128)

Traduzimo-nos por meio das palavras da poetisa *Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares* (Catembe, 20/09/1926 – Cascais, 04/12/2002):

Se quiseres compreender-me  
vem debruçar-te sobre minha alma de África,  
nos gemidos dos negros no cais  
nos batuques frenéticos dos muchopes  
na rebeldia dos machanganas  
na estranha melancolia se evolvendo  
duma canção nativa, noite dentro... (SOUSA, 2016, p. 40)

Em um cenário social e político racista, machista e excludente, conforme questionam Carvalho, Assunção e Silva (2020, p. 97): “quem pode falar? O que autoriza ou quem legitima alguém falar ou realizar estudos sobre afrodescendentes, migrantes ou mulheres?” Envoltas nos propósitos de pensar sobre a formação docente e a educação de crianças construída com as artes, compreendemos como desafio fundamental assumir o lugar de pessoas brancas na luta

antirracista, indo além do apoio aos movimentos negros e indígenas, mas também, atuando como professoras que refletem criticamente sobre como a branquitude se constrói em nossa história de vida, nas nossas relações, nas nossas práticas sociais, nas nossas instituições (CARREIRA, 2018). Isto significa estarmos engajadas em desenvolver projetos de ensino, pesquisa e extensão que abordem a história e a cultura africana, afro-brasileira e a educação das relações étnico-raciais nas escolas e universidades.

## DA NECESSIDADE DE AÇÕES PEDAGÓGICAS COM ARTES AFRO-BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao abordar campos do conhecimento de considerável profundidade e amplitude, como são a Educação Infantil, as artes afro-brasileiras e a educação das relações étnico-raciais, nos deparamos, inicialmente, com a vasta gama de temas que eles abarcam em si. Diante disto, temos compreensão de que, para realizar a abordagem específica que investigamos, é necessário respeitar a complexidade de cada área do conhecimento, ao mesmo tempo em que devemos ser capazes de garantir o foco do objeto investigado, qual seja, as práticas pedagógicas com as artes afro-brasileiras na Educação Infantil.

A aproximação do objeto em questão envolve, portanto, o estudo dos três principais campos citados e, em seguida, o exercício de estabelecer conexões entre eles, compreendendo as infâncias e as artes que dialogam com as realidades das comunidades.

Mediante esse entendimento, discorreremos sobre a necessidade de ações pedagógicas que envolvam as artes afro-brasileiras na Educação Infantil, a partir de duas razões principais. Em primeiro lugar, devido ao fato de ainda existirem no contexto da educação de crianças ações que reforçam o racismo, o preconceito e as injustiças sofridas pelo povo negro. Além disso, as linguagens artísticas, ao serem abordadas enquanto jogo, brincadeira e manifestações culturais, se revelam como um dos meios mais propícios, participativos e integradores de promover o desenvolvimento e a educação de crianças pequenas.

Criar práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a cultura afro-brasileira e africana na Educação Infantil tem por objetivo tanto respeitar o direito da criança por uma educação de princípios estéticos “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2010, p. 16) como, simultaneamente, contribuir com a educação das relações étnico-raciais, combatendo toda forma de racismo.

No que tange à Educação Infantil, o livro coordenado por Nilma Lino Gomes e publicado pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2014), indica que pesquisas realizadas a partir da década de 1980 têm demonstrado a existência de comportamentos preconceituosos e de atitudes discriminatórias em relação às crianças pré-escolares no sentido de que o cuidado e a educação a elas destinadas são desiguais, sendo essas desigualdades relacionadas, em sua maioria, aos seus pertencimentos étnico-raciais. Em se tratando de professores/as que se ocupam da educação voltada a essa faixa etária, as posturas discriminatórias se evidenciam pela ausência de reconhecimento das diferenças de origem, pelos maus-tratos e principalmente pelo silêncio diante de situações de discriminação vivenciadas pelas crianças negras no espaço escolar.

Dentre as pesquisas que revelam que ainda são necessários muitos esforços contra o racismo estrutural no âmbito da Educação Infantil, estão as de Petronilha Silva (2015), Vanessa Garcia (2019), Yvone de Souza (2019a), Leni Dornelles (2019), Flávio Santiago (2015).

Ao problematizar o tema das questões étnico-raciais na formação de professores/as que atuam na Educação Infantil, Yvone de Souza afirma que muitas vezes as propostas pedagógicas existentes nos currículos dessa etapa se distanciam, na prática, de perspectivas mais igualitárias, reforçando desigualdades de toda a ordem, sendo que as crianças pequenas “são as principais vítimas de apartações raciais, sociais, de classe, gênero, religiosa e étnica. É importante pensar o quanto as diferenças, tratadas como desigualdades, podem ser (re)produzidas dentro de espaços educativos como as escolas de Educação Infantil.” (SOUZA, 2019a, p. 81).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), compreendendo a criança como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas,

constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010) determinaram que as escolas de Educação Infantil contemplem em seus currículos princípios éticos, políticos e estéticos, dentre os quais, o respeito às diferentes culturas e identidades culturais.

Entretanto, conforme avalia Garcia (2019), desde a abordagem da temática étnico-racial nas DCNEI, em relação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), constatam-se trágicos retrocessos. De acordo com essa pesquisadora, na versão definitiva da BNCC (BRASIL, 2017) para a Educação Infantil, as abordagens que fazem menções à equidade racial, às relações étnico-raciais e ao racismo de forma específica são inexistentes. Identifica-se a abordagem de temáticas que enfatizam o respeito às diferenças, mas de forma superficial, denotando um caráter homogeneizador. Não tratando da temática étnico-racial, o documento silencia as questões que tanto se fazem presentes no contexto social, negligenciando as diversas subjetividades e culturas, reforçando um padrão a ser seguido, de caráter homogeneizador. Segundo Garcia (2019, p. 44):

As palavras raça, etnia, racismo, discriminação racial, negro ou afro-brasileiro não aparecem em nenhum ponto do documento destinado à EI, denotando que, nessa abordagem, dentro do que definem como “diferenças” as tensões étnico-raciais brasileiras, marcadas historicamente pelas desigualdades e exclusões, não são explicitadas, perpetuando o ciclo de silenciamento e retroalimentando o racismo no Brasil.

Silva (2015) afirma que pessoas negras em geral, contudo, de modo contundente as crianças, têm de fazer face a dilemas como: ou deixar-se assimilar a ideias, crenças, comportamentos, admitindo “branquear” no pensamento, nos raciocínios, nos comportamentos, na adoção de projeto de sociedade que exclui os negros, ou enfrentar desqualificação ao mostrar, em gestos, palavras, iniciativas, sua negritude. Assim a autora questiona: como crianças negras podem construir com fundamento o que a escola tem a lhes ensinar, sem, entretanto, negar seu pertencimento étnico-racial? De acordo com Dornelles (2019), as crianças negras vivem cotidianamente uma sensação de serem diferentes por serem pretas, no sentido de um corpo marcado como “feio”, que não é aceito, tendo em vista que a normatividade é a do corpo branco. A pesquisadora percebeu que existe bastante racismo na escola e é tarefa de professoras/es colaborarem para que as crianças construam uma imagem positiva de si.

Santiago (2015) também verificou a existência de processos racistas que contribuem para o afastamento dos aportes afro-brasileiros e africanos dos espaços da Educação Infantil e na exclusão de crianças pequeninas negras do campo social permissível às experiências relativas à aceitação do seu corpo, de sua ancestralidade. Nesse contexto, de acordo com o autor, podemos ainda perceber a presença de uma pedagogia embranquecedora, já fortemente denunciada pelo movimento negro a partir da década de 1980, que se embasa num modelo educacional com propósitos de reprodução de preconceitos referentes às crianças negras e a cultura e história africana e afro-brasileira.

## ACÇÕES DE FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS/AS EM ARTES AFRO-BRASILEIRAS

A Educação Infantil é um espaço importante de construção de valores sobre a diversidade. De acordo com Barbosa e Horn (2019, p. 18), “é na infância que as crianças alicerçam as aprendizagens que serão construídas ao longo de suas vidas e, conseqüentemente, num plano mais afetivo, que reservas de entusiasmo pela vida serão nesta fase ‘bem guardadas’.” Para que profissionais da Educação Infantil sejam capazes de planejar e executar práticas pedagógicas com as artes afro-brasileiras junto às crianças, é preciso que tenham acesso a uma formação artística sobre o assunto, estudando suas origens, significados, conhecendo artistas do passado e do presente, refletindo sobre suas obras e reconhecendo quais delas se aproximam mais do universo de cada criança e seu agrupamento.

Nas disciplinas “Metodologia do Ensino de Arte”, “Teatro e Educação” e “Educação, Corpo e Movimento” do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar), encontramos espaços para o estudo das experiências negras no teatro, nas artes visuais, na música e na dança. Iniciamos, em geral, pela questão formulada por Kabengele

Munanga (2018): o que afinal é arte afro-brasileira? O próprio autor responde que definir as artes plásticas afro-brasileiras não é uma questão meramente semântica, pois envolve uma complexidade de outras questões que remetem hora à história do escravizado africano no Brasil, hora à sua condição social, política e econômica, hora à sua cosmovisão e religião na nova terra.

Hélio Santos Menezes Neto (2018) analisa a arte afro-brasileira em diálogo com as políticas públicas atuais, com o movimento negro, com a cultura visual brasileira, com políticas de branqueamento e anonimato, dentre outras questões. O pesquisador afirma que subjaz ao entendimento geral do estudo que as dificuldades de conceituação dessa arte de muitos nomes – negra, afrodescendente, afro-orientada, diaspórica, preta etc. – e os distintos significados que lhe foram sendo atribuídos ao longo do século XX, se relacionam de maneira incerta, porém constante, com as ambiguidades que informam as relações raciais no Brasil. Ele evidencia que definir arte afro-brasileira não é tarefa simples, pois envolve múltiplos entendimentos e desentendimentos no decorrer do tempo:

Não é evidente definir o que é arte afro-brasileira. Diferentes modos de concebê-la vêm sendo acionados ao longo do tempo. Artistas, curadores, críticos e diletantes têm recorrido a distintos critérios de classificação: com base no fenótipo do produtor; pautada na origem do personagem; pelo viés da reprodução de cânones predominantemente africanos; ou ainda, pelo conteúdo latente dos produtos, em geral ligado a temas de negritude e africanidade, independentemente dos modelos formais empregados ou da cor da pele de seus executores. Ou, ainda, em função de diferentes arranjos e combinações desses vários argumentos. A dificuldade aumenta quando outros termos aparentados, como artista afro-brasileiro ou artista negro, a ela se somam, gerando novas classificações e sutilezas de linguagem. (MENEZES NETO, 2018, p. 14).

A classificação desta arte não é precisa, ainda, nem para seus próprios criadores. Ao pensar sobre o que constitui a arte afro-brasileira, Roberto Conduru (2009, p. 9) questiona:

O que é arte afro-brasileira? É a arte produzida pelos africanos trazidos ao Brasil, entre os séculos XVI e XIX, para serem escravizados? É a produção artística de seus descendentes, escravos ou livres independentes do tema? A identidade é determinada por quem faz, pela autoria? Ou é afro-brasileira toda arte na qual a negritude está representadas, seja ela feita por africanos e afro-descendentes no Brasil, ou não? O fator determinante é a temática? Ou são afro-brasileiros apenas as obras em que a autoria e tema estão vinculados a seus descendentes no Brasil?

Ao analisar inúmeros artistas negros afro-brasileiros de décadas passadas e da contemporaneidade, suas produções e impactos na construção histórica e social do país, Menezes Neto conclui que a história das artes afro-brasileiras passou de um lugar de passividade, para o protagonismo, porém, ainda assim, se encontram num limiar entre o visível e o oculto. É uma arte que foi negada, perseguida, destruída e apreendida. Salum (2017) também destaca as fortes questões de autoria incógnita dos criadores, sendo que a grande maioria de artistas africanos e afro-brasileiros do passado permanece no anonimato. Percebe-se que há, na história da arte afro-brasileira vestígios de negação, apreensão, ruptura, apropriação cultural e o privilégio do branco sobre a negritude e, ainda hoje, se reflete sobre sua identidade. Mesmo a cultura africana tendo sido negada e desvalorizada, é uma cultura que resiste e se reinventa constantemente. Nos dizeres de Araújo (1996, p. 248):

Para o que nos rodeia e não vemos, o que vemos e negamos: a absorção, complexa, desde os tempos mais remotos, da cultura africana pelas sociedades escravistas; uma absorção que, de tão antiga, nem é mais percebida; de uma cultura que, contornando os mais opressivos obstáculos, pôde continuar resistindo, existindo e se renovando continuamente.

Neste sentido, Bologna (2019) questiona: se a arte afro-brasileira é uma cultura que se reinventa frequentemente em nosso meio social, como ela vem sendo trabalhada atualmente na Educação Infantil? A pesquisadora realizou estudos durante os anos de 2018 e 2019 na

modalidade de Iniciação Científica e de Trabalho de Conclusão de Curso, interligada a estudos na graduação, ao GIAPE e às ações de extensão universitária, percorrendo trajetórias que procuraram responder: professoras/es de crianças pequenas podem desenvolver um trabalho pedagógico voltado para as relações étnico-raciais por meio das artes? Nas escolas de Educação Infantil tem sido feita uma exploração das artes afro-brasileiras?

Ao observar a concepção histórica da formação da arte afro-brasileira, Bologna (2019) observou que essa arte foi silenciada, marginalizada, estereotipada e oculta. Entretanto, verificou que embora ainda haja a necessidade e a urgência de avançarmos cada vez mais no reconhecimento e na valorização do negro e da arte afro-brasileira, há de se admitir que o estudo sobre a temática étnico-racial saiu de um lugar de invisibilidade, de silenciamento, para um lugar de discussão. Através de políticas públicas, lutas, debates e conquistas legais - com destaque para as Leis nº. 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e nº. 11.645/2008 (BRASIL, 2008) sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, da luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil - nota-se que nas últimas décadas a temática vem sendo discutida com mais intensidade nas escolas de Educação Infantil.

A história que nos foi ensinada partia unicamente de uma perspectiva eurocêntrica. A fim de poder trabalhar com as artes afro-brasileiras com as crianças, devemos almejar por outros modos de pensar, que favoreçam uma descolonização dos currículos, que possibilitem outras formas de produção de conhecimento, visibilizando as lutas contra a colonialidade através das pessoas, suas práticas sociais e políticas. Uma vez que o racismo estrutural no Brasil é permeado por um sistema meritocrático, gerando desigualdades e injustiças, afirma-se a luta da comunidade negra por mais reconhecimento, valorização e afirmação de seus direitos. E uma das maneiras para obter este reconhecimento é através da valorização da diversidade na educação, com a superação da perspectiva eurocêntrica e a oferta de repertório da cultura afro-brasileira e africana (BOLOGNA, 2019).

Para que o trabalho com as artes afro-brasileiras possa acontecer na Educação Infantil, de forma que as crianças pequenas tenham acesso a pedagogias antirracistas e descolonizadoras, faz-se necessário analisar quais repertórios artísticos estão sendo apresentados aos/as professores/as em seus processos de formação, desde os campos do Teatro, da Música, da Dança e das Artes Visuais. Estudar arte afro-brasileira implica em repensar o repertório que se tem, em rever o que se estudou em termos da história do Brasil, das culturas aqui presentes, da importância da pessoa negra na construção da identidade nacional.

Um caminho possível de formação é conhecer e valorizar artistas afrodescendentes contemporâneos/as, identificando e problematizando a produção que tematiza as experiências negras, bem como estudando os trabalhos de pesquisadoras/es negras/os oriundos das várias partes do país impulsionados pelas políticas públicas educacionais adotadas no Brasil desde 2001. São experiências diversas que dialogam com estruturas de sentimentos, experiências, crenças, valores e saberes que produzem o reconhecimento e o pertencimento aos grupos. (CARVALHO, ASSUNÇÃO, SILVA, 2020).

Esses processos de formação de professores/as acontecem também no âmbito da extensão universitária, com o Simpósio de Arte Afro-brasileira da UFSCar *campus* Sorocaba, que em 2020 teve sua terceira edição, com o tema "O que vai do ateliê do/da artista negro/a para o mundo?". Essa ocasião fez um convite à reflexão sobre o espaço do ateliê como um território de criação da produção de Flávio Cerqueira e de Priscila Leonel nas suas relações com a realidade cultural, social e política que se apresenta hoje.<sup>2</sup>

O 1º Simpósio recebeu como palestrantes Francione Oliveira Carvalho e Antônio Sampaio Dória. Carvalho, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), falou sobre "Imagens e vozes silenciadas: a presença negra na arte brasileira", apresentando importantes pesquisas que hoje questionam as narrativas tradicionais da história e artistas que problematizam experiências da ancestralidade negra. O professor e escritor Antônio Sampaio Dória, foi convidado a falar sobre suas pesquisas materializadas no livro "O preconceito em foco: análises de obras literárias infanto-juvenis. Reflexões sobre história e cultura", de 2008. Ele apresentou análises de obras

<sup>2</sup> Sobre Flávio Cerqueira acesse: @flavinhocerqueira e <https://flavioquerqueira.com/>. Sobre Priscila Leonel acesse: @ateliensexata e <https://www.priscilaleonel.com/>.

de autores contemporâneos que refletem sobre o preconceito, ora denunciando, ora apontando para caminhos de superação. Como parte da programação, o público pôde apreciar a exposição "Cores da vida Dogon", do fotógrafo Gianni Puzzo, pela parceria com a Prof<sup>a</sup>. Maria Walburga dos Santos.

O "II Simpósio de Arte Afro-brasileira da UFSCar *campus* Sorocaba" teve uma programação intensa. À tarde assistimos ao espetáculo "Ilu Okan, o que minha vó contou", do Grupo Trança de Teatro, formado por Clarice Santos, Fernanda Brito, Marco Antônio Fera, os músicos Fábio Serra e Oziel Antunes, dramaturgia de Daia Moura e direção de Lena Roque. Na parte da noite as palestrantes foram: Vanessa Garcia, professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Sorocaba, que falou sobre "A educação das relações étnico-raciais desde a Educação Infantil"; a diretora e atriz Lena Roque, que falou sobre "O teatro de negras e negros no Brasil", destacando os valores da cultura negro-africana na cena teatral; Lourdes Liêje, bailarina e diretora da Cia Abayomi'n de Danças Afro-brasileiras, que falou sobre "As danças de origem africana" e a luta pela sua sobrevivência através dos tempos.

Voltado para a formação inicial e continuada de professores/as, o evento soma esforços à valorização e visibilidade dessa cultura, com a consciência de que, a cada realização, além de ensinar sobre história da arte afro-brasileira, sobre artistas do continente africano e da diáspora do passado e contemporâneos, constrói possibilidades para pessoas negras se fortalecerem, de modo que possamos contribuir com a sociedade e a escola democrática que sonhamos.<sup>3</sup>

### MODOS POSSÍVEIS DE EDUCAR CRIANÇAS PEQUENAS PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS POR MEIO DAS ARTES AFRO-BRASILEIRAS

Ao reconhecer o problema do racismo na escola, observamos que um dos caminhos possíveis para o combater desde a primeira infância seja o de proporcionar uma educação antirracista que considere a criança como sujeito de direitos, exploradora e brincante, capaz de aprender por meio de linguagens expressivas e artísticas, produzindo cultura. Como define Oliveira-Formosinho (2007, p. 27):

No âmbito de uma pedagogia da infância transformativa, preconiza-se a instituição de um cotidiano educativo que conceitualiza a criança como uma pessoa com agência, não à espera de ser pessoa, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola, da sociedade.

Essa definição leva professores/as a planejarem e colocarem em ação práticas pedagógicas que promovam experiências significativas para as crianças, que considerem suas necessidades de aprender fazendo, imaginando, fruindo arte, brincando e estabelecendo relações respeitadas e de confiança. Desde nosso ponto de vista, o modo de educar crianças pequenas para as relações étnico-raciais por meio das artes afro-brasileiras deva tanto se basear na ideia do jogo como processo de aprendizagem - no qual a criança aprende por meio da experiência e da participação, e não de maneira transmissiva, centrada na lógica dos conteúdos que se quer veicular -, como também em uma concepção de cultura como recriação, como realidade dinâmica (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007).

Na Educação Infantil, as linguagens artísticas são meios primordiais de aprendizagem para as crianças por propiciarem a aprendizagem pela descoberta, pela resolução de problemas e investigação, a partir daquilo que ensaiam, exploram, dando sentido próprio aos conhecimentos que constroem. Por meio das artes as crianças são capazes de expressar seus sentimentos e emoções, atuar com confiança, explorar suas ideias e o mundo, enriquecer as relações, desenvolver projetos com grande envolvimento e presença.

Percebemos em comum à infância e à arte características de invenção, surpresa, criação e liberdade. Com isso, indagamos se as linguagens artísticas na Educação Infantil têm sido abordadas pedagogicamente com caráter inventivo, criador, brincante e aventureiro. Que tipo de arte tem sido ofertada às crianças na Educação Infantil? De que maneira professoras/es

<sup>3</sup> Para conhecer as memórias do 1º e 2º Simpósios e assistir ao 3º Simpósio de Arte Afro-brasileira da UFSCar *campus* Sorocaba, acesse: <https://www.youtube.com/channel/UC5mxTBx8YrtCs9z5zHiqtQ>.

potencializam as possibilidades investigativas das crianças? Têm sido feitas explorações de artes como as afro-brasileiras, considerando-se questões sociais prementes, tais como as relativas à diversidade étnico-racial?

De acordo com Susana Rangel Vieira da Cunha (2017), comumente observam-se nas práticas educativas da Educação Infantil propostas que remetem a uma arte centrada em grandes movimentos artísticos europeus, marcados por uma matriz clássica e nostálgica, sendo solicitadas às crianças cópias e releituras de obras, limitando-as no sentido criativo e autoral, o que, segundo a pesquisadora, impede um olhar atento e compreensível para o que se produz hoje. Nota-se nos contextos escolares, ausência de produções de arte contemporânea, em que as crianças sejam solicitadas a criar trabalhos dentro de uma abordagem nas concepções da arte da atualidade, possibilitando “oportunidade de as crianças expressarem o mundo de forma crítica, sensível, buscando suas próprias respostas sobre a vida por meio de produções artísticas singulares e contemporâneas” (CUNHA, 2017, p. 26).

Assim como a arte deve ser compreendida no contexto atual vivenciado, a infância também deve ser pensada não como um tempo antigo, nem moderno, mas antes, como um tempo atual, presente. Portanto, se arte e infância são encaradas como tempo presente, que tipo de arte se produz na infância atualmente? Sabe-se que as culturas visuais, ou seja, tudo aquilo que as crianças veem, consomem, compram, vestem, desempenham um forte papel de influência sobre as preferências estéticas na Educação Infantil, estabelecendo modos diferentes de ver os outros e de se relacionar com o mundo. Os artefatos da cultura são representativos da infância, cumprindo a função de representar, apresentar, nomear, situar, identificar, etiquetar e traduzir tanto os sujeitos quanto os grupos sociais, para outros grupos (CUNHA, 2010). Eles criam modos de agir, direcionando as concepções de infância e instituindo padrões dentro e fora das escolas. Muitas vezes as escolas reafirmam construções socioculturais preconceituosas, não disponibilizando outras formas fora dos padrões considerados “corretos”. Ao instituírem modos de ser, determinando modelos a serem seguidos, fazem com que as diferenças não sejam contempladas, mas ao contrário, sejam excluídas, portanto não havendo representatividade.

Neste sentido, Luiz Souza (2019b) afirma que na Educação Infantil as crianças devem conviver com as mais diferentes linguagens artísticas como a dança, a dramatização, a contação de histórias, a música, as artes visuais, a literatura, mas não devemos tratar as artes como artefatos/ferramentas pedagógicas. É preciso respeitar sua característica essencial de serem linguagens que falam ao interior da criança, constituindo seu imaginário, sua subjetividade e levando-a a olhar o mundo através de uma visada sensível e lúdica. As artes devem poder, de acordo com esse autor, desconstruir ideias arcaicas que colaboram para uma sociedade estratificada, que não viabiliza o diálogo e a convivência entre os diferentes, não priorizam o bem comum e nem as culturas das minorias.

Decorre desses aspectos a necessidade de se reconhecer que, embora tenham ocorrido avanços no campo das relações étnico-raciais na Educação Infantil, ainda há um longo caminho a percorrer, defendendo e lutando por políticas públicas que garantam educação mais justas e respeitadas. Compreendemos que educar as crianças pequenas desde uma perspectiva antirracista, não signifique atuar de forma transmissiva e centrada no pensamento adulto. Ao contrário, envolva o direito de acesso às linguagens artísticas com temática afro-brasileira mediante os valores do jogo, do estabelecimento de vínculos de confiança, do exercício de respeito ao ponto de vista infantil, que é o da dimensão brincante e poética.

Posto que arte e infância estão relacionadas, que as linguagens artísticas se fazem presentes como dimensão intrínseca à Educação Infantil e que a docência envolva trabalhar pela exclusão do racismo e toda forma de preconceitos, é necessário construir práticas que visem uma educação voltada para as relações étnico-raciais. De acordo com Garcia (2019), a história da Educação Infantil no Brasil não pode ser contada sem considerar seu imbricamento com as questões sociais e étnico-raciais, as quais constituem privilégios para uns e barreiras ao acesso a direitos básicos para a maioria pobre e negra. Portanto, é necessário que haja espaços que garantam a representatividade negra e valorização da cultura afro-brasileira, uma vez que o acesso ao patrimônio cultural é direito de todas as crianças. Contudo, muitos profissionais da Educação Infantil não sabem como trabalhar essa temática e acabam, por vezes, reproduzindo práticas preconceituosas e estereotipadas, conforme afirma Gomes (2012, p. 105):

Nesse contexto, a discriminação racial se faz presente como fator de seletividade na instituição escolar e o silêncio é um dos rituais pedagógicos por meio do qual ela se expressa. Não se pode confundir esse silêncio com o desconhecimento sobre o assunto ou a sua invisibilidade. É preciso colocá-lo no contexto do racismo ambíguo brasileiro e do mito da democracia racial e sua expressão na realidade social e escolar. O silêncio diz de algo que se sabe, mas não se quer falar ou é impedido de falar. No que se refere à questão racial, há que se perguntar: por que não se fala? Em que paradigmas curriculares a escola brasileira se pauta a ponto de “não poder falar” sobre a questão racial? E quando se fala? O que, como e quando se fala? O que se omite ao falar?

Em 2004, com a publicação do documento intitulado Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana - DCNERER (BRASIL, 2004), é notável a perspectiva de melhora no reconhecimento de que abordar a temática étnico-racial é importante e necessário. O documento traz princípios que regem a temática:

[...] compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história; conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira. (BRASIL, 2004, p.18)

As artes visuais, a música e a contação de histórias representam possibilidades bastante propícias para se abordar essa temática com as crianças por serem fazeres amplamente inseridos no cotidiano da Educação Infantil. Por meio das linguagens expressivas é possível criar tempos e espaços para a apreciação de obras, gerando práticas brincantes com as artes, possibilitando identificação, representatividade e recriação cultural pelas crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma mulher negra adulta revisita as lembranças de vivências no quintal da casa de sua avó, na peça de teatro “Memória dos sentidos ou essência da casa de vó” e repete: “Está tudo aqui, gravado nas minhas memórias”.<sup>4</sup> Ela relembra que brincava entre plantas, pé de frutas, bicho de patas e bichos de asas, ela aprendeu sobre a magia das folhas ancestrais das culturas de matrizes africanas. A essência das folhas e o cheiro do bolo de milho de sua avó deixaram marcas nefrálgicas no corpo da menina.

Tal como expressa a personagem desse espetáculo, heranças culturais que trazemos da infância, dos processos de desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil, deixam marcas indeléveis e inconscientes em nossa sensibilidade, caráter e inteligência. Ao investigarmos modos pelos quais podem ser realizadas práticas pedagógicas com as artes afro-brasileiras na Educação Infantil, objetivamos a construção de uma educação estética, cultural e artística comprometida com o rompimento de relações de dominação racial. Investimos, desde os contextos da formação de pedagogos/as e da educação escolar de crianças pequenas em pleno processo de formação de identidade, na esperança da criação de recordações, memórias, lembranças de afeto, respeito, liberdade e alegria.

Reconhecendo os sujeitos enquanto seres em busca de atitudes livres de preconceitos, estereótipos e discriminação, acreditamos que ter as artes afro-brasileiras mediando as práticas pedagógicas na Educação Infantil, recriando culturas e educando para as relações étnico-raciais, deva ser um gesto social carregado de valorização de todas as identidades, vozes, corpos e subjetividades e abertura para reflexões e diálogos.

## REFERÊNCIAS

<sup>4</sup>Roteiro e atuação de Fernanda Dias, direção dela e de Cachalote Mattos ([https://www.youtube.com/watch?v=k\\_L0wKe33og](https://www.youtube.com/watch?v=k_L0wKe33og))

ARAÚJO, E. O negro e as artes no Brasil. In: Schwarcz, Lilia Moritz e Queiroz, Renato da Silva (orgs.) *Raça e Diversidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência: Edusp, 1996, p. 231-253.

BARBOSA, M.C.S.; HORN, M.G.S. A cada dia a vida na escola com as crianças pequenas nos coloca novos desafios. In: ALBUQUERQUE, S. S. DE; FELIPE, J.; CORSO, L. V. (orgs.). *Para pensar a docência na Educação Infantil*. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019, p. 17-36. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/einaroda/wp-content/uploads/2016/08/Para-Pensar-a-Doc%C3%Aancia-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-E-BOOK.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2020.

BOLOGNA, P. *Artes visuais afro-brasileiras na educação infantil: educando para as relações étnico-raciais*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13245>. Acesso em: 21 set.2020

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana*. Brasília/DF: SECAD/ME, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnaes/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12988-pareceres-e-resolucoes-sobre-educacao-das-relacoes-etnico-raciais>. Acesso em: 13 nov.2005

BRASIL. *Lei n.º. 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 02 jan.2016

BRASIL. *Lei n.º. 11.645, de 10 de março de 2008*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 02 jan.2016

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil* / Secretaria de Educação Básica. - Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12579:educacao-infantil>. Acesso em: 21 set.2020

BRASIL. Ministério da Educação. *Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil* / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. -- Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/09/Hist%C3%B3ria-e-cultura-africana-e-afro-brasileira-na-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil-livro-do-professor.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2015.

CARREIRA, D. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. *Revista Internacional de Direitos Humanos, SUR* 28, v. 15, n. 28, p. 127-137, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/o-lugar-dos-sujeitos-brancos-na-luta-antirracista/>. Acesso em 08 dez.2019.

CARVALHO, F.O.; ASSUNÇÃO, M.; SILVA, K.P. A produção visual de novos artistas afrodescendentes no Brasil e reverberações na formação docente em artes visuais. *Aurora: revista de arte, mídia e política*. São Paulo, v.12, n.36, p. 95-113, out.2019-jan.2020

CONDURU, R. *Arte Afro-brasileira: orientações pedagógicas*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

CUNHA, S. R.V. Uma arte do nosso tempo para as crianças de hoje. In: CUNHA, S.R.V. e CARVALHO, R.S. (orgs.). *Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando*. Porto Alegre: Mediação, 2017, p. 9-26.

CUNHA, S. R.V. As infâncias nas tramas da cultura visual. In: MARTINS, R. E TOURINHO, I. (orgs.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010, p. 131-161.

DÓRIA, A. S. *O preconceito em foco: análises de obras literárias infanto-juvenis*. Reflexões sobre história e cultura. São Paulo: Ed. Paulinas, 2008.

DORNELLES, L. V. Ainda precisamos conversar sobre corpo e raça com professores/as de Educação Infantil. In: ALBUQUERQUE, S.S.; FELIPE, J.; CORSO, L.V. (orgs.). *Para pensar a docência na Educação Infantil*. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019, p. 251-267. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/einaroda/wp-content/uploads/2016/08/Para-Pensar-a-Doc%C3%AAncia-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-E-BOOK.pdf>. Acesso em: 22 dez.2019

GARCIA, V. F. *Educação Infantil e Educação das relações étnico-raciais: motivações docentes, possibilidades e desafios nos Centros de Educação Infantil de Sorocaba (SP)*. 2019. Dissertação (Programa de Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11161>. Acesso em: 24 jun.2019

GOMES, N. L. *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras*. Universidade Federal de Minas Gerais. v.12, n.1, Jan/Abr 2012, p.98-109. Disponível em: [http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5\\_Gomes\\_N%20L\\_Rel\\_etnico\\_raciais\\_educ%20%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf](http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf). Acesso em: 20.jun.2019

MENEZES NETO, H. S. *Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2018. doi:10.11606/D.8.2018.tde-07082018-164253. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-07082018-164253/pt-br.php>. Acesso em: 24 mar.2019.

MUNANGA, K. Arte afro-brasileira: o que é, afinal? In: PEDROSA, A.; CARNEIRO, A.; MESQUITA, A. (orgs.). *Histórias afro-atlânticas*, vol. 2, Antologia. Colaboração: Artur Santoro, Hélio Menezes, Lília Moritz Schwarcz e Tomás Toledo. MASP, São Paulo; 1ª edição, 2018, p. 113-124.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (orgs.) *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 13-36

SALUM, M. H. (Lisy) Leuba. Vistas sobre arte africana no Brasil: lampejos na pista da autoria oculta de objetos afro-brasileiros em museus. *An. mus. paul.*, São Paulo, v.25, n.2, p.163-201, Aug. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142017000200163&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142017000200163&lang=pt). Acesso em: 21 abr.2018.

SANTIAGO, F. Creche e racismo. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 9, n. 2, p. 441-460, 2015. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação. ISSN 1982-7199. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 21 dez. 2018

SILVA, P. B. G. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. *Revista Eletrônica de Educação* (São Carlos), v.9, p.161-188, 2015. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1137/408>. Acesso em 10 jun.2019.

SOUSA, N. *Sangue negro*. São Paulo: Ed. Kapulana, 2016.

SOUZA, L. F. Crianças pequenas e educação para a cidadania: alguns projetos e suas infinitas possibilidades. In: ALBUQUERQUE, S. S.; FELIPE, J.; CORSO, L.V. (orgs.). *Para pensar a docência na Educação Infantil*. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019b, p. 61-79. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/einaroda/wp-content/uploads/2016/08/Para-Pensar-a-Doc%C3%AAncia-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-E-BOOK.pdf>. Acesso em: 22 dez.2019

SOUZA, Y. C. Encontros e desencontros na formação docente em Educação Infantil: questões étnico-raciais em debate. In: Albuquerque, S.S.; Felipe, J.; Corso, L.V. (orgs.). *Para pensar a docência na Educação Infantil*. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019a, p. 80-99. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/einaroda/wp-content/uploads/2016/08/Para-Pensar-a-Doc%C3%AAncia-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-E-BOOK.pdf>. Acesso em 22 dez.2019.

### Arte afro-brasileira como prática pedagógica na educação infantil: mediando cultura e relações étnico-raciais

Afro-brazilian art as a pedagogical practice in early childhood education: mediating culture and ethnic racial relations

Arte afrobrasileño como práctica pedagógica en la educación infantil: mediando cultura y relaciones étnico-raciales

#### Resumo

O artigo discute a presença da arte afro-brasileira na Educação Infantil mediante esforços de colocar em prática a integração entre ensino, pesquisa e extensão universitária no campo da formação de professores/as. Para esse texto foi realizada uma reflexão sobre ações de formação em artes afro-brasileiras que vêm sendo desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE), as quais interligam a presença desse conteúdo no curso de licenciatura em Pedagogia, a realização de eventos de extensão e uma pesquisa empreendida nas modalidades de Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso. As análises indicam a existência de processos racistas que contribuem com a carência de aportes afro-brasileiros e africanos nos espaços da Educação Infantil e propõem a realização de fazeres artísticos que construam uma educação comprometida com os direitos das crianças e com o rompimento de relações de dominação racial.

**Palavras-chave:** Arte afro-brasileira. Educação infantil. Relações étnico-raciais. Prática pedagógica.

#### Abstract

The article discusses the presence of Afro-Brazilian art in Early Childhood Education through efforts to put into practice the integration between teaching, research and university extension in the field of teacher education. For this text, a reflection was made on education actions in Afro-Brazilian arts that have been developed within the Research Group on Childhood, Art, Educational and Psychosocial Practices (GIAPE), which interconnect the presence of this content in the Pedagogy degree course, the holding of extension events and a research undertaken in the modalities of Scientific Initiation and Course Conclusion Work. The analyzes indicate the existence of racist processes that contribute to the lack of Afro-Brazilian and African contributions in the spaces of Early Childhood Education and propose the realization of artistic practices that build an education committed to children's rights and the breaking of relations of racial domination.

**Keywords:** Afro-brazilian art. Early childhood education. Ethnic-racial relations. Pedagogical practice.

#### Resumen

El artículo discute la presencia del arte afrobrasileño en la Educación Infantil a través de esfuerzos para poner en práctica la integración entre docencia, investigación y extensión universitaria en el campo de la formación docente. Para este texto, se hizo una reflexión sobre las acciones de formación en artes afrobrasileñas que se han desarrollado dentro del Grupo de Investigación en Prácticas Infantiles, Artísticas, Educativas y Psicossociales (GIAPE), que interconectan la presencia de este contenido en el curso de pregrado. en Pedagogía, la realización de eventos de extensión y una investigación realizada en las modalidades de Iniciación Científica y Trabajo de Conclusión de Curso. Los análisis señalan la existencia de procesos racistas que contribuyen a la falta de aportes afrobrasileños y africanos en los espacios de Educación Infantil y proponen la realización de actividades artísticas que construyan una educación comprometida con los derechos de los niños y la ruptura de relaciones de dominación racial.

**Palabras-clave:** Arte afrobrasileño. Educación infantil. Relaciones étnico-raciales. Práctica pedagógica.